

MORAL, ÉTICA E CIDADANIA NO CONTEXTO ESCOLAR: PERSPECTIVA DE UM TRABALHO TRANSVERSAL EM ALUNOS DO PROFESP COMO PRÁTICA SOCIOCULTURAL

Ramon VILAS BOAS Ferreira ¹

RESUMO

O Presente estudo visa levantar a perspectiva dos resultados do trabalho transversal da temática: Ética, Moral e Cidadania, realizado pelo Programa Forças no Esporte gerido pelo 53º Batalhão de Infantaria de Selva, no Município de Itaituba/PA em 2015, e de que forma o mesmo contribuiu com a disciplinarização e melhor inserção social de crianças e adolescentes, moradores de áreas de risco da Rede Pública de Educação. Este Programa tem como objetivo desenvolver ações que permitam a inclusão de crianças e adolescentes através da valorização de suas experiências e do despertar de valores morais e éticos, por vezes esquecidos no currículo da escola regular, permitindo desenvolver estas habilidades de forma construtiva. Contando com uma equipe multidisciplinar

composta por um professor de Educação Física, Português, História, Pedagogia, Militares (Oficiais e Sargentos) bem como suporte Médico, o qual vem buscando a amenização de problemas como evasão escolar, bullying, indisciplina, higiene, e mal rendimento escolar deste público atendido, que em grande parte apresentam uma série de problemas sociais, tais como abandono, violência doméstica, gravidez prematura e drogas. Dessa forma, apresentaremos aqui, juntamente com o prospecto do cenário indisciplinar nacional, a forma que desenvolvemos esta pesquisa e relataremos os resultados obtidos.

Palavras-chave: educação, indisciplina, prática sociocultural, cidadania.

¹ 2º Sgt Inf – Licenciado em História - UEPG e Pós Graduando em Neuroaprendizagem - AVM Faculdades Integradas. (ramonvboas@yahoo.com.br)

INTRODUÇÃO

A indisciplina é um assunto muito debatido nas escolas. Atualmente lemos corriqueiramente nos jornais, notícias de violência bem como casos de professores que deixam as salas de aula por temerem agressões quer sejam verbais e até mesmo físicas. A indisciplina escolar apresenta-se hoje, como um desafio aos educadores por ser intensamente vivenciada nas Instituições. Mostrando-se também, segundo Garcia (1999), como fonte de estresse nas relações interpessoais, particularmente quando associada a conflitos em sala de aula.

Não se descarta que a indisciplina além de gerar vários problemas à escola também prejudica o meio social e a vida particular do indivíduo.

Este trabalho, por sua vez, foi realizado a partir da observação com alunos matriculados no Programa Forças no Esporte com duração de 3 (três) meses, gerido pelo 53º Batalhão de Infantaria de Selva na cidade de Itaituba-PA, com crianças da Rede Municipal de Ensino Fundamental moradores de áreas de risco, às quais foram ministradas a disciplina Moral, Ética e Cidadania, com o objetivo de ensinar valores como responsabilidade, cumprimento de horários, rigores militares, boa apresentação, asseio corporal, disciplina e principalmente respeito aos docentes, objetivando observar e discutir como a inserção destas temáticas aliadas ao Esporte favoreceram a percepção destes alunos como seres atuantes na sociedade, responsáveis pelo seu futuro e no seu rendimento escolar ao final do Programa.

Na observação dos dados colhidos, chegou-se a entender que é um grande desafio aos professores conviverem com alunos indisciplinados, ocorrendo tanto na rede pública como também na privada. O que nos leva a questionar o que realmente está levando jovens e crianças a serem indisciplinados. É por que Moral, Ética, Cidadania deve sim ser ensinada e incluída na grade curricular como disciplina ou te-

mática transversal.

Para aprofundamento do tema, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico, com abordagem qualitativa a partir de leituras e fichamento de textos, livros, artigos e revistas, enfocando-se autores como: Tiba (1996), De La Taille (2006), Piaget (1977) Aquino (1998), entre outros. Subsidiando também este trabalho, desenvolveu-se uma pesquisa de campo enfocando-se a temática em estudo na realidade escolar.

INDISCIPLINA ESCOLAR E A FAMÍLIA NO CONTEXTO BRASILEIRO

A palavra indisciplina no dicionário elaborado por Ferreira (2008) define o termo como um procedimento, ato ou dito contrário à disciplina. Complementando a explicação o autor define a palavra disciplina como: (1) regime de ordem imposta ou mesmo consentida, (2) ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, (3) relações de subordinação do aluno ao mestre, (4) submissão a um regulamento, etc.

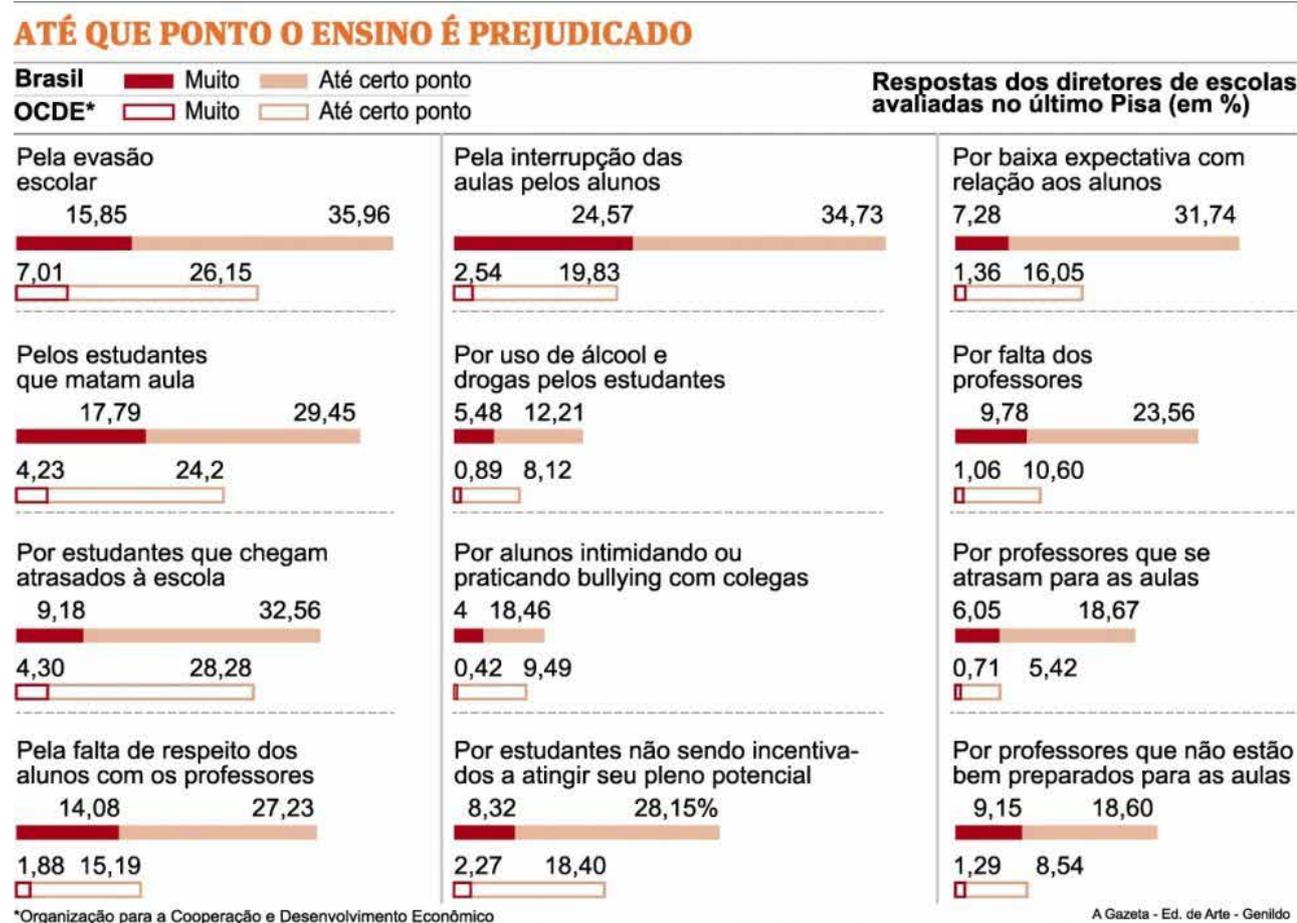
Garcia (2002) afirma que a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional. Trata-se, portanto, de uma questão que deve ser amplamente debatido e investigado. As expressões de indisciplina na escola são marcadas por uma variedade de causas, que fazem deste conceito, uma questão intrigante do âmbito social e educacional. A discussão desta problemática está cada vez mais presente nas pesquisas e debates em educação, objetivando sua compreensão e as melhores formas de intervenção e prevenção, apesar dos muitos avanços realizados neste início de século nos depararmos com o questionamento de que mesmo com tantas pesquisas e novas estratégias, a escola ainda encontra-se despreparada para este fenômeno. De uma coisa estamos certos: o mundo de hoje está implacável com aqueles sem escolaridade. É só olharmos à nossa volta e atentar para a quantidade de pessoas desempregadas e

desqualificadas, por exemplo.

Uma pesquisa com diretores de escolas que participaram da última edição do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa)², de 2012 iluminam o mau desempenho do Brasil, o qual ficou entre as 10 últimas posições na lista de 65 países pesquisados e componentes da Organização para Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE), onde cerca de 800 diretores responderam 19 perguntas. Dados

computados pela Fundação Lemann para O GLOBO mostram até que ponto, dezoito fatores sobre clima escolar atrapalham o aprendizado de matemática, leitura e ciências, disciplinas avaliadas na prova aplicada a alunos de 15 anos. Entre esses fatores estão: evasão, atraso e falta a aulas por alunos e professores, uso de álcool e drogas por estudantes, bullying e falta de respeito com os docentes, conforme segue:

Figura 1 - Os reflexos da indisciplina sobre a qualidade do ensino



Fonte: <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ate-que-ponto-ensino-prejudicado-12185362>

Para a pergunta: Até que ponto a interrupção de aulas por alunos impede a aprendizagem, o Brasil é o último do ranking, para 24,57% dos diretores de escolas nacionais, interrupções de estudantes atrapalham muito o aprendizado. Já a média dos países participantes da OCDE é

de apenas 2,54%.

A pesquisa também aponta que 14,08% das escolas brasileiras consideram que a aprendizagem dos alunos é muito dificultada pela falta de respeito com docentes. Na média dos países da OCDE, a alta frequência desse problema é de 1,88%.

² <http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-mostra-prejuizo-ao-ensino-causado-pela-indisciplina-no-pais-12185516>

Ao analisar estes dados percebe-se que a indisciplina tem forte influência na escolarização brasileira, ao passo que muitos alunos concluem os níveis básicos de escolaridade e quando o fazem, não apresentam resultados satisfatórios, despejando a escola, verdadeiros analfabetos funcionais.

Para AQUINO(2003) apud VALA a maioria dos educadores não sabe ao certo como administrar o ato indisciplinado, bem como não sabe como geri-lo e, a partir daí entram em cena várias suspeitas:

Suspeita-se que a indisciplina discente seja um fenômeno típico da adolescência, e esta caracterizada pelo questionamento das normas e dos valores impingidos pelo mundo adulto. Uma rebeldia típica dessa fase passageira. Suspeita-se também que, em certas circunstâncias, o ato indisciplinado seria a manifestação de uma agressividade latente dirigida contra as figuras de autoridade, agressividade essa gerada pela “desestruturação” do ambiente familiar... de modo genérico, supõe-se que as condutas dos alunos envolvidos em situações disciplinares sejam resultado de prejuízos psíquicos difusos, mormente ligados à primeira infância e ao modo permissivo como tais crianças e jovens foram criados por suas famílias. (AQUINO, 2003, p. 10).

Portanto, podemos afirmar que a família é um fator chave nesse processo uma vez que ela é responsável pela primeira educação, ou seja, os filhos vão para a escola com uma carga cultural pretérita, quanto ao comportamento que terão e inclusive as influências que os jovens atualmente estão expostos pela mídia e nas ruas, juntamente com todos os seus excessos. Esta situação certamente traz conflitos à escola e fugindo do controle dos professores causam transtornos no âmbito escolar e comprometem o processo ensino-aprendizagem. Contudo, é muito difícil exigir da família uma estrutura moral, ética e psicológica, pais que não ensinam aos filhos os sentimentos de gratidão, de pedir permissão, de pedir favor, que não cobram dos filhos as suas obrigações caseiras não veem

motivo para sequer para estudar, mesmo que seja por obrigação.

Tiba nos diz que estes comportamentos, mencionados acima, ligados gestores pioneiros da educação (família), ao invés de contribuir com a sociedade, financiam a ignorância e não o aprendizado, além de tornarem seus filhos indisciplinados e arrogantes. “Por que iriam respeitar os professores? Estes por sua vez serão os primeiros a terem que ensinar o que os pais não ensinaram, inclusive como se comportar na escola.”

PROGRAMA FORÇAS NO ESPORTE

Desenvolvido pelo Ministério da Defesa juntamente com outros órgãos federais, o programa Forças no Esporte busca promover a integração social e o desenvolvimento humano por meio da prática esportiva.

O Programa concentra-se na inclusão social, valorização da cidadania, inserção no trabalho e na realização de atividades físicas, esportivas e de lazer.

O projeto está presente em 74 cidades de 25 estados, em instituições vinculadas à Marinha, ao Exército e à Aeronáutica. Além disso, as Forças Armadas oferecem serviço médico, odontológico e de assistência social, coordenadores, transporte e monitores das organizações militares.

O Ministério dos Esportes é responsável pelo material esportivo e pelo pagamento de professores e estagiários. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, por sua vez, responde pela alimentação. As atividades do Forças no Esporte beneficiam anualmente cerca de 16 mil crianças e adolescentes com idade entre 7 e 17 anos.

Na letra d) do Nr 4) da Diretriz para o Programa Segundo Tempo: Forças no Esporte – 2016 nos diz que a contrapartida para o Exército é a oportunidade de contribuir com o Estado na formação de cidadãos de bem, comprometidos com os ideais de patriotismo e de valores da democracia.

Logo com o objetivo de inclusão social, o Profesp busca complementar o trabalho da

família, albergando crianças e adolescentes no contraturno escolar, desenvolvendo neles a disciplina e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida com acesso à prática esportiva educacional orientada, focando no desenvolvimento e acompanhamento de novos talentos e a aproximação das Forças Armadas com a comunidade.

O polo Itaituba conta com uma equipe de 01 (um) Pedagogo, 01 (um) Professor de Educação Física, 01 (uma) Professora de Português, e 03 (tres) Estagiários de Edc Física, 01 (uma) Enfermeira, 01 (um) Tenente e 02 (dois) Sargentos, e a equipe discente é composta de 45 (quarenta e cinco) alunos.

METODOLOGIA

Este trabalho apoiou-se em uma pesquisa qualitativa, uma vez que os dados coletados refletem também a forma como os sujeitos envolvidos analisam o tema e portanto não podem ser mensurados. Foi desenvolvido também através de pesquisa bibliográfica mediante leituras e fichamentos de obras subsidiadas por uma pesquisa de campo para coleta de dados referentes ao tema pesquisado.

A investigação ocorreu em 1 (uma) Unidade do Programa Forças no Esporte na cidade de Itaituba-PA.

A pesquisa de campo foi desenvolvida envolvendo 36 (trinta e seis) alunos de 4 (quatro) escolas diferentes da rede pública

municipal matriculados nos 6º, 7º e 9º ano do Ensino Fundamental do turno vespertino.

Para coleta de dados, foi utilizado um questionário composto por 5 questões abertas para que os alunos pudessem expor seus questionamentos e posicionamentos em relação ao Estatuto Disciplinar/ Código de Conduta ao qual eram submetidos durante o Programa, sob penas de Advertência Verbal até Exclusão a bem da disciplina, e sobre o trabalho transversal da disciplina Ética, Moral e Cidadania.

O referido instrumento de coleta de dados foi entregue e, posteriormente, recebido, sendo oferecido um tempo de 30 minutos para as respostas, ressaltando que os alunos foram orientados a identificarem-se caso desejassem.

Esta pesquisa foi desenvolvida baseada na inserção do trabalho transversal Matéria Moral, Ética e Cidadania, bem como no estatuto disciplinar empregado, tentando assim identificar ou até mesmo nortear a respeito deste princípio, uma vez que, estes são deixados de lado e até mesmo combatido no meio educacional corrente.

Foi possível detectar de acordo com as respostas obtidas dos próprios alunos, que tanto a Inserção do trabalho transversal, quanto a aplicação normativa do código de conduta foram de fundamental importância para o bom andamento do projeto e para construção de indivíduos mais conscientes:

Tabela 1 - Respostas normatizadas em RUÍM – BOM – ÓTIMO, sobre o questionamento conforme

	RUÍM	BOM	ÓTIMO
Qual sua opinião sobre o estatuto disciplinar aplicado?	11%	41%	47%

Fonte: Pesquisa de campo realizada no PROFESP Itaituba

Ao serem questionados em qual aspecto o trabalho transversal sobre cidadania, quesitos morais e éticos os ajudou no dia a dia: 30% mencionaram a palavra “respeito” em suas respostas, referenciando a inclusão desta “habilidade” as suas relações interpessoais, quer sejam em casa com os familiares, na escola ou nos círculos so-

ciais aos quais pertencem, 25% relataram que aprenderam a seguir regras com mais facilidade como: cumprir horários, executar atividades domésticas, (ressalto que os alunos eram orientados a lavarem os pratos, talheres e copos que usavam nas refeições, bem como limparem as mesas diariamente, ao terminarem o consumo) ou

deixar de falar palavrões, 13% relataram que apresentaram melhoras no rendimento escolar em algumas disciplinas, 15% fizeram observações diversas como melhorias na timidez, nas práticas esportivas e etc, e os outros 18% não opinaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indisciplina nasce em casa, segundo Yves de La Taille, especialista em Psicologia Moral³, em entrevista a Revista Nova Escola, nove em cada dez educadores reclamam que as salas de aula estão cada vez mais incivilizadas e nove entre dez escolas recorrem a regras de controle e punição, e afirma: “É legítimo, mas é pouco. É preciso criar uma lei para coibir algo que o bom senso por si só deveria banir”.

Percebemos, então, que ao mesmo tempo que a família deve entregar à sociedade/escola crianças e jovens mais sensatos e educados, com conceitos e valores morais pré-concebidos (mesmo que seja embrionário), a escola por sua vez não pode crer que este pontos, caso haja uma falha na educação doméstica, sejam naturais e fluam de todos indivíduos (educandos) sem precisar que sejam ensinados.

De posse do resultado dessa pesquisa, comprova-se que a Escola é corresponsável por esta disciplinarização discente, e corroborando a tese de La Taille, sobre a inserção de aulas de cidadania e bons modos:

Se ela for considerada inviável numa determinada instituição, então que se proponha uma aula. Mas, se essas discussões não encontrarem eco nas próprias relações da escola, o trabalho em sala terá pouco efeito. É preciso que o conteúdo seja inseparável do convívio. Não adianta falar das belas virtudes da justiça e da generosidade e ter um ambiente de desrespeito e indiferença. O trabalho pode ser feito de forma simples ou sofisticada, não importa: o que a escola não

pode é silenciar. Décadas atrás, tiraram a disciplina Educação Moral e Cívica do currículo. É bom que ela tenha sido eliminada por causa de sua ligação com a didatura militar, mas o problema é que não colocaram nada no lugar. Moral, ética e cidadania se aprendem, não são espontâneas DE LA TAILLE⁴ (2006).

Devemos tratar as questões ligadas à moral e à vida em grupo como conteúdos de ensino, ou de outra forma, arrisca-se em permitir que as crianças se tornem adultos indisciplinados em qualquer situação, inabilitados de dialogar e cooperar. Segundo Ramos (2012) em pesquisa de 2002 com 120 universitários, de Montserrat Moreno e Genoveva Sastre, da Universidade de Barcelona foi indagado sobre a utilidade do que eles aprenderam na escola para a resolução de conflitos na vida adulta. Apenas 3% apontaram que os professores lhes ensinaram atitudes e formas específicas de agir. Sobre esta pesquisa, Luciene Tognetta, do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da Unicamp, apud Ramos (2012) afirma que: “Esses resultados certamente são próximos da realidade brasileira. Nosso estilo de ensinar é parecido, pois joga pouca luz sobre o currículo oculto, aquele que leva em conta o sentimento do estudante, seus desejos, suas incompreensões”.

Inserido no microsistema PROFESP pudemos avaliar como estes alunos, segundo suas propriocepções, foram auxiliados em seu “processo de educação e disciplina” quando enxergamos o espaço escolar como propício para a vivência de relações interpessoais e segundo os postulados de Vygotsky (1984) encarando a família e a escola como as principais agências educativas, no combate a indisciplina.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Confrontos na sala de aula: Uma leitura institucional da

3 Ciência que investiga os processos mentais que levam alguém a obedecer ou não a regras e valores.

4 <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/fala-mestre-yves-la-taille-466838.shtml>

relação professor-aluno, São Paulo, Summus, 1996.

DE LA TAILLE, Yves. (2006). Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed, 189 p

FERREIRA, A. B. H. Dicionário Aurélio. 7. Ed. Curitiba: Positivo, 2008.

GARCIA, J. Indisciplina na escola. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

RAMOS, Adriana. O que é indisciplina, Publicação NOVA ESCOLA Edição 226, Outubro 2009. Atualizada em outubro de 2012. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/imprima-essa-pagina.shtml?http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/indisciplina-503228.shtml?page=all>, acessado em 18/04/2016

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. 67 ed. São Paulo: Editora Gente, 1996.

VALA, Cleusa Luiza dos Santos. INDISCIPLINA: UM DIÁLOGO ENTRE PROFESSORES E PAIS, Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria Estadual de Educação do estado do Paraná. UEL, 2008, Londrina-PR.

VITALE. Paulo. O que é Indisciplina. Nova Escola, São Paulo n. 226, p.78, out. 2009. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/indisciplina-503228.shtml?page=1>

VIGOTSKY, L.S.A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE, São Paulo - SP 1991, Fontes Editora Ltda, 4ª edição brasileira.